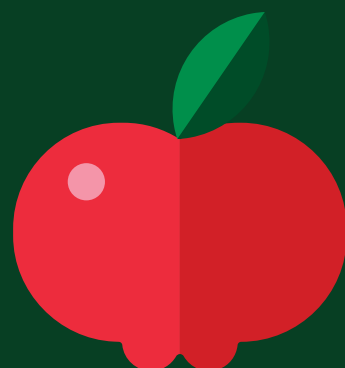
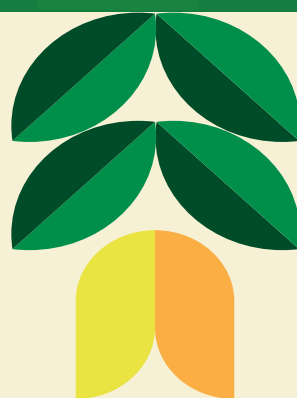
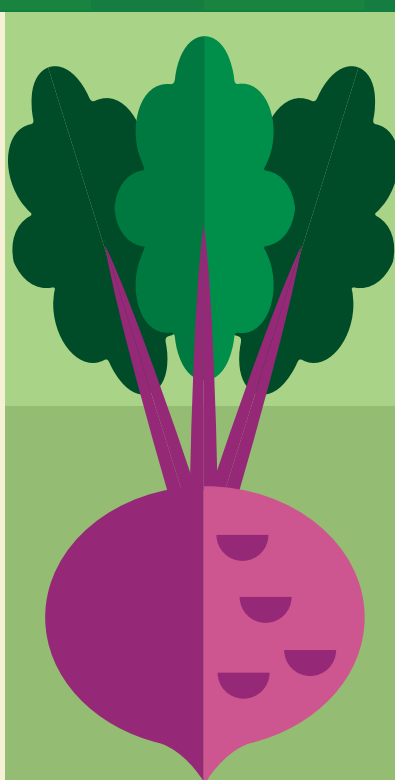
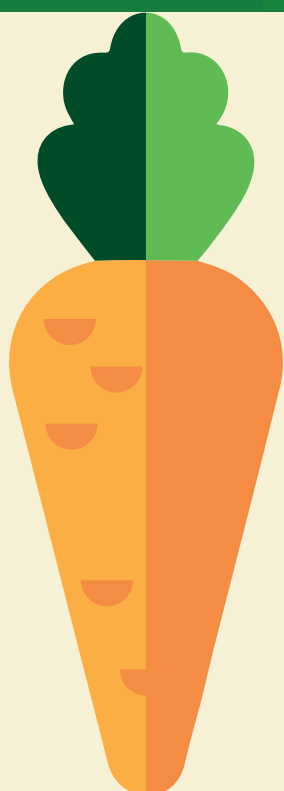


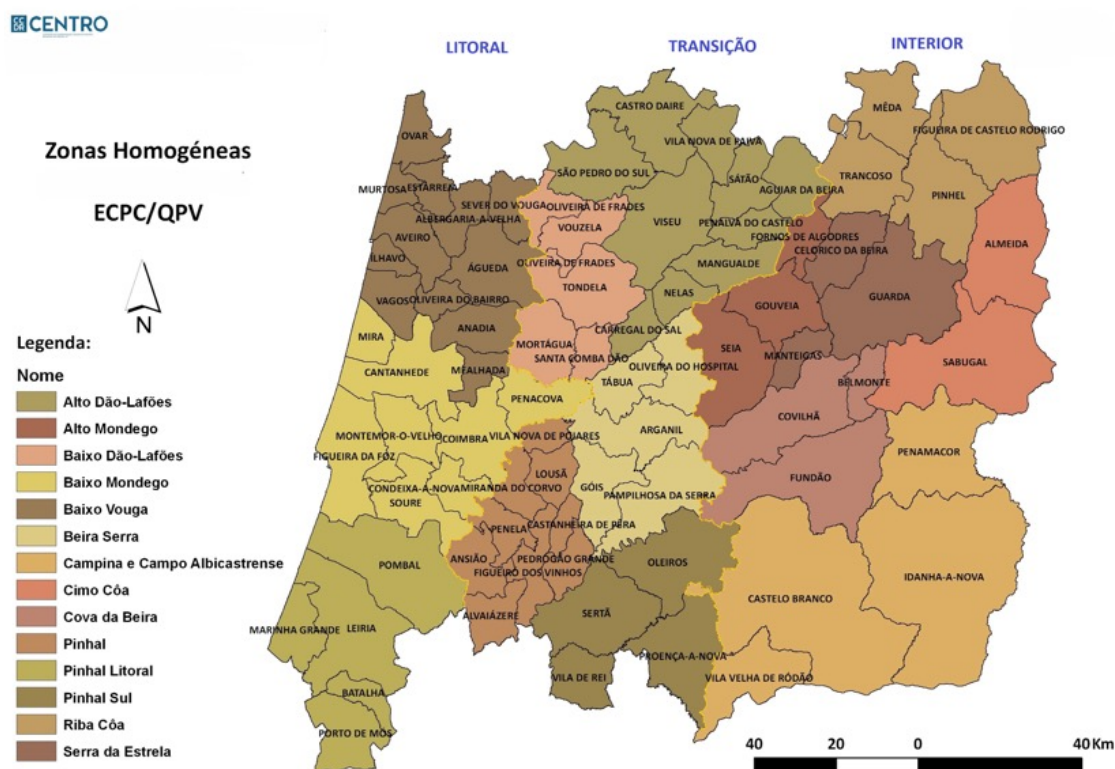
Relatório do Estado das Culturas e Previsão de Colheitas

Unidade de Desenvolvimento Rural e Agroalimentar
Divisão de Programas e Avaliação Agrícola



NOTA PRÉVIA

O relatório do Estado das Culturas e Previsão de Colheitas (ECPC) está integrado na operação “Estatísticas da Produção Vegetal”, sob a coordenação do Instituto Nacional de Estatística (INE). Recolhe e processa informação de carácter previsional relativamente a áreas, rendimentos e produções das principais culturas distribuídas pelas 14 Zonas Homogéneas da região Centro agregadas em 3 grandes zonas: Litoral (Baixo Vouga, Baixo Mondego e Pinhal Litoral), Transição (Alto Dão Lafões, Baixo Dão Lafões, Pinhal, Beira Serra, Alto Mondego e Pinhal Sul) e Interior (Serra da Estrela, Riba Côa, Cimo Côa, Cova da Beira e Campina e Campo Albicastrense).



A informação descritiva e quantitativa é recolhida para os principais grupos de culturas, nomeadamente, cereais de pragana, cereais de primavera/verão, batata, leguminosas secas, culturas industriais, frutos frescos, citrinos, frutos secos, vinha, olival.

O ECPC constitui uma das fontes privilegiadas para o estabelecimento da informação das estatísticas oficiais da produção vegetal, base para índices de volume das Contas Económicas da Agricultura, assim como sustenta o acompanhamento e monitorização da situação de seca no âmbito da Comissão Permanente de Prevenção, Monitorização e Acompanhamento dos Efeitos da Seca.

Os relatórios mensais são enviados ao INE (entidade coordenadora) e Gabinete de Planeamento, Políticas e Administração Geral (GPP), e publicados no portal da [CCDR Centro](http://ccdr.centro.gov.pt).

O Instituto Nacional de Estatística (INE) sistematiza e disponibiliza a informação recolhida a nível nacional publicando o Boletim Mensal de Agricultura e Pescas e um destaque para a comunicação social.

ÍNDICE

1 . Estado do tempo e sua influência na agricultura.	4
2 . Fitossanidade: pragas e doenças, intensidade e frequência dos ataques; oportunidade e eficácia dos tratamentos efectuados; prejuízos causados para além do normal.	7
3 . Prados, pastagens e culturas forrageiras: estado vegetativo das pastagens de sequeiro, prados de regadio e forragens anuais; condições de alimentação das diferentes espécies pecuárias, importância do contributo de forragem verde, fenos, silagens e rações industriais relativamente a igual período do ano anterior.	9
4-f – Cereais praganosos: andamento das colheitas; produção quanto aos aspetos de quantidade, rendimento e qualidade dos produtos.	13
5-g – Culturas arbóreas e arbustivas, nomeadamente vinhas, pomares, de pomóideas, prunóideas, citrinos, kiwis, frutos secos e olivais: estado vegetativo, produção quanto aos aspetos de qualidade e quantidade.	14
6-d . Sementeira vegetativo das culturas arvenses de sequeiro e regadio, nomeadamente: milho, arroz, grão-de-bico, feijão, tomate (para indústria) e girassol; disponibilidade de água para rega.	22
9-d – Colheita das culturas de batata de sequeiro e regadio: como decorreu; produção quanto aos aspetos de quantidade, rendimento e qualidade dos produtos.	26



1 – Estado do tempo e sua influência na agricultura.

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, o período estival em curso continua a registar temperaturas altas, amplitudes diminutas, ausência de pluviosidade, exceto na última semana e presença de algum vento que trouxe consigo uma brisa marítima ao longo dos dias. De acordo com os dados cedidos pelo IPMA, a temperatura média máxima foi de 26,2.°C, a média mínima de 18,4.°C, e as médias de 21,8.°C. A precipitação foi escassa, apenas na última semana do mês, originando algum alívio ao nível de humidade no solo, dos lençóis freáticos e evitando situações de maior stress hídrico sentidas em algumas zonas nas culturas temporárias, mas que poderá causar situações de podridão-cinzenta nas vinhas com alguma gravidade.

Na zona homogénea do Baixo Mondego, o estado do tempo, em agosto, caracterizou-se por alguma instabilidade atmosférica tendo sido maioritariamente quente. O mês iniciou-se com dias quentes, mas encobertos. Em meados do mês, ocorreu uma onda de calor intenso com registo de temperaturas máximas na ordem dos 41.°C. A última semana do mês, trouxe uma diminuição das temperaturas com chuvas e ventos fortes, que provocaram a acama de arroz em pequenas zonas de alguns terrenos onde as variedades são mais suscetíveis. Estas condições meteorológicas permitiram iniciar a vindima das castas brancas, terminar as colheitas dos cereais praganosos e dar continuidade as colheitas de batata-de-regadio.

No Pinhal Litoral, ao longo do mês de agosto, as diferentes estações meteorológicas registaram uma alternância marcada entre períodos de

calor intenso e fases de elevada humidade, acompanhadas de precipitação dispersa. Entre os dias 16 e 18 observaram-se temperaturas máximas muito elevadas, atingindo valores superiores a 35.°C em várias estações, com destaque para Abiul, onde se registaram picos acima dos 40.°C. Estas condições promoveram stress térmico nas culturas e favoreceram o desenvolvimento de pragas como o bichado-da-macieira e o aranhaço vermelho, ao mesmo tempo que contribuíram para a mortalidade de ovos e larvas da mosca-da-azeitona. Durante este período, a humidade relativa manteve-se moderada e a duração de folha molhada foi praticamente nula, reduzindo o risco de infeções fúngicas. A partir de 19 de agosto verificou-se uma mudança significativa no padrão meteorológico, com descida das temperaturas, aumento generalizado da humidade relativa e ocorrência de precipitação. Em vários dias, a humidade relativa ultrapassou os 85-90%, acompanhada de períodos prolongados de folha molhada, que chegaram a superar as 6 a 9 horas diárias em alguns locais. Estas condições criaram um ambiente altamente favorável ao desenvolvimento de doenças fúngicas, nomeadamente pedrado na macieira, mildio tardio na vinha e podridão-cinzenta em fase de pintor avançado. A precipitação registada nos dias 20, 23, 24 e 27 reforçou este risco. Em suma, o mês de agosto caracterizou-se por uma primeira metade dominada pelo calor intenso, com impacto sobretudo no comportamento das pragas, seguida de um período final marcado por elevada humidade e precipitação, que aumentou significativamente o risco de doenças fúngicas nas principais culturas da região.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, o mês pautou-se por temperaturas normais para

a época, sem registo de picos de calor, ao contrário do que sucedeu no mês anterior. No fim do mês a zona foi atingida por uma depressão que originou um período de forte precipitação que se prolongou aproximadamente por uma semana, com um acumulado superior a 40 mm, nalgumas zonas a atingir os 80 mm. Esta precipitação foi extremamente benéfica para a agricultura, com exceção naturalmente para a componente fitossanitária. Na vinha, a campanha está adiantada. O ciclo vegetativo iniciou-se cedo e teve condições ideais para um rápido desenvolvimento. A vindima arrancará já no início de setembro devido ao adiantamento fenológico anteriormente referido e também de modo a salvaguardar a qualidade sanitária dos cachos, após a precipitação que atingiu a zona no fim do mês. No olival, o fruto já se encontra na fase final de crescimento, nomeadamente no período de endurecimento do caroço. O período de precipitação registado no fim do presente mês será benéfico para a próxima etapa de amadurecimento do fruto.

Quer no Alto Mondego quer na Beira Serra, durante as primeiras três semanas de agosto as temperaturas máximas rondaram os 29.ºC, e as mínimas os 15.ºC sendo, portanto, um agosto fresco para o normal. Não ocorreu precipitação durante as primeiras semanas do mês, mas nesta última houve cerca de 41 mm, em quatro dias, dois deles acompanhados de trovoadas. Ao que foi apurado a trovada não foi acompanhada de granizo, e a chuva beneficiou a azeitona no início da lipogénese, e as uvas já muito próximas da maturação.

Tanto no Alto Dão-Lafões como no Baixo Dão-Lafões, agosto caracterizou-se, sobretudo nas primeiras semanas, por temperaturas elevadas, com valores máximos geralmente compreendidos entre 30.ºC e 40.ºC, e ausência de precipitação. Na última semana do mês, verificou-se uma descida significativa das temperaturas, com ocorrência de noites relativamente frias para esta época do ano. Registaram-se ainda neblinas matinais e episódios de precipitação e vento, traduzindo uma alteração significativa das condições meteorológicas observadas no início do mês.

O período de temperaturas elevadas associado à reduzida disponibilidade hídrica influenciou o estado das culturas. Em parcelas onde as culturas se encontravam menos protegidas ou com maior exposição às condições de stress, observaram-se queda de frutos, sinais de desidratação e sintomas de escaldão. As condições de calor e défice hídrico determinaram igualmente um aumento das necessidades de rega para assegurar o adequado desenvolvimento das culturas e minimizar os efeitos do stress hídrico. A precipitação ocorrida na última semana do mês foi, de modo geral, benéfica para a atividade agrícola, contribuindo para a reposição parcial da humidade do solo e para a redução do stress hídrico acumulado durante o período de maior calor.

No Pinhal Sul, o mês de agosto pautou-se por temperaturas elevadas, embora inferiores às registadas no mesmo período do ano passado. A precipitação foi significativamente superior à verificada em agosto de 2025, quando esta foi praticamente nula, tendo-se concentrado sobretudo na última semana do mês. As condições meteorológicas resultaram benéficas para as culturas, em particular para o olival, contribuindo para melhorar as condições hídricas do solo e favorecer o desenvolvimento e a maturação da azeitona.

Nas **zonas do interior**, quer em Riba Côa quer em Cimo Côa, registaram-se algumas alterações no estado de tempo este mês, com alguma precipitação e descida das temperaturas com benefício para o desenvolvimento da maioria das culturas. Verifica-se, em quase todas as culturas, algum avanço no início das colheitas, principalmente a da vinha.

Na Cova da Beira e na Serra da Estrela, o mês de agosto caracterizou-se por apresentar no geral, temperaturas médias elevadas, tendo havido alguns dias com registo de temperaturas máximas superiores a 40.ºC, amenizando apenas na última semana. A ausência de precipitação nas três primeiras semanas do mês, associada às altas temperaturas, contribuíram para o stress hídrico das culturas de sequeiro nomeadamente os prados, pastagens e culturas forrageiras de sequeiro. Salvaguardaram-se algumas das

pastagens e forrageiras de sequeiro existentes em solos mais frescos, principalmente a norte da Cova da Beira e na Serra da Estrela. A pluviosidade ocorrida na última semana, porém, veio permitir diminuir o stress hídrico das culturas forrageiras de sequeiro, assim como, dos olivais de sequeiro, contribuindo também para o engrossamento e diminuição da queda da azeitona.

Na Campina e Campo Albicastrense, até ao final da segunda década do mês, as temperaturas

registaram valores dentro da normalidade para a época do ano. A partir desse período, verificou-se uma descida das temperaturas e, a partir de meados da terceira década, ocorreram alguns dias de precipitação. A chuva foi benéfica, sobretudo para o olival, onde já se observavam alguns sinais de desidratação dos frutos, nomeadamente azeitonas enrugadas, devido aos períodos anteriores de temperaturas elevadas e de reduzida disponibilidade hídrica (figura 1).

Fig. 1 – Azeitonas enrugadas com evidência de stress hídrico.



No Anexo I, apresenta-se quadro com alguns valores da precipitação acumulada, número de dias com precipitação e de temperaturas médias registadas durante o mês de agosto em algumas das Estações Meteorológicas do Ministério da Agricultura e de outros Organismos instaladas na região centro.

No Anexo II, apresenta-se quadro com valores referentes aos níveis de armazenamento de água nas albufeiras dos aproveitamentos hidroagrícolas do Grupo IV, na região centro, no final do mês de agosto.

2 – Fitossanidade: pragas e doenças, intensidade e frequência dos ataques; oportunidade e eficácia dos tratamentos efectuados; prejuízos causados para além do normal.

De um modo geral não foram registados problemas fitossanitários significativos ao longo do mês, devido as temperaturas verificadas associadas ao tempo verificado. A nível biótico foram exceção os seguintes casos:

Na zona homogénea do Baixo Mondego (zona do litoral), existem várias pragas presentes na cultura do milho que causam diferentes tipos de estragos e que surgem em diferentes fases do ciclo vegetativo da cultura, como cicadelídeos, brocas, desfolhadora do milho. As doenças presentes no milho são sobretudo a ferrugem, presente nas folhas inferiores, mais perto do solo. Constatou-se a presença de infestantes como a figueira do inferno, em pequena escala, esta planta apresenta alguma toxicidade, nomeadamente quando ocorre a colheita do milho ou da silagem. As infestantes são de difícil controlo, uma vez que os tratamentos efetuados têm substâncias ativas mais específicas para determinada infestante, não sendo abrangente a todas elas. Alguns produtos que eram eficazes, atualmente não são permitidos no mercado e outros devido à constante aplicação ano após ano, já criaram resistências. Em relação ao arroz, a presença de infestantes de difícil controlo, nomeadamente a milhã e arroz-bravo, mas também orelha-de-mula, heterantera, erva-pessegueira, junça, entre outras, dependendo dos herbicidas e da oportunidade de aplicação. Existem variedades de arroz comum tolerantes a herbicidas específicos, com os sistemas Clearfield e Provisia, permitindo aplicar um herbicida específico que mata o arroz bravo, mas que não afeta o arroz comum. A doença principal existente no arroz que traz mais problemas, é sobretudo a periculária. Verificou-se também, nos terrenos existentes nos vales secundários do rio Mondego, nomeadamente Pranto, a presença de um distúrbio fisiológico e nutricional do arroz denominado Akiochi ou “raiz preta”, associado à toxicidade por sulfureto de hidrogénio devido a acumulação de águas paradas durante demasiado tempo na cultura, o que provoca a atrofia e putrefação radicular do arroz, e torna-o mais suscetível ao ataque de fungos.

No Pinhal (**zona de transição**), no olival, verifica-se agora alguma queda de fruto gafado em resultado da mosca-da-azeitona, já mencionado no mês anterior. O período de precipitação ocorrido no fim do mês irá favorecer ainda mais a disseminação da gafa, doença instalada sobretudo em olivais não tratados, que são a maioria na zona. A vinha encontra-se próxima do término do ciclo cultural e até à data, a informação dos produtores era positiva relativamente à sanidade dos cachos (as vinhas vão estando bem protegidas já que os agricultores estão bem identificados para a temática da fitossanidade nesta cultura). Contudo, a precipitação do fim do mês, poderá ser prejudicial nas próximas semanas, sobretudo pelo risco de focos de podridão-cinzenta, que tem a sua porta de entrada em picadas de inseto ou rachamento no bago. Relativamente a pragas, vai-se verificando a presença de afídeos nos rebentos novos, em inúmeras fruteiras. A presença deste tipo de praga condiciona o bom desenvolvimento vegetativo da planta.

No Pinhal Sul (**zona de transição**), foram observados alguns focos de míldio na vinha, com maior incidência na casta Síria. Nas pomóideas, registaram-se ataques de pedrado. No olival, já foi observada a presença de alguma azeitona picada.

Na Campina e Campo Albicastrense (zona de interior), no caso do olival, apesar da intensidade dos ataques de mosca-da-azeitona ser reduzida, observam-se já frutos com sinais de picada (figura 2).

Fig. 2 – Azeitonas com sinais de ataque da mosca-da-azeitona.



A nível abiótico foi observado, nalgumas zonas do Alto Dão-Lafões e do Baixo Dão-Lafões (**zona de transição**), frutos, como por exemplo a maçã, com marcas de “escaldão”, resultante das temperaturas elevadas acompanhadas de uma intensa radiação solar.

Quanto a prejuízos para além do normal, refere-se que no Pinhal Litoral (**zona do litoral**), a ocorrência de stress térmico nas culturas durante os dias de calor extremo, que pode ter provocado queimaduras solares em frutos mais expostos, especialmente na vinha. A elevada humidade e os períodos prolongados de folha molhada aumentaram o risco de podridões na colheita e pós colheita, sobretudo na macieira, podendo comprometer a qualidade dos frutos destinados a conservação prolongada.

Os tratamentos (preventivos/curativos) ou o conjunto de medidas culturais aconselhadas ao longo do mês de agosto para as diferentes culturas, a merecer realce nos Avisos Agrícolas das Estações de Avisos da D.G.A.V. para a área de actuação da CC DR Centro, foram:

Citrinos – rachamento fisiológico dos frutos.

Olival – mosca-da-azeitona (*Bactrocera oleae*); gafa (*Colletotrichum* spp.); olho-de-pavão (*Fusicladium oleagineum*); cercosporiose (*Cercospora cladosporioides*) e ronha ou tuberculose (*Pseudomonas savastanoi* pv. *savastanoi*).

Pomóideas (macieiras, pereiras) pedrado; fogo-bacteriano; bichado da fruta (*Cydia pomonella*); aranhão-vermelho (*Tetranychus urticae*); psila-da-pereira (*Cacopsylla pyri*); mosca-do-Mediterrâneo ou mosca-da-fruta (*Ceratitis capitata*); doenças de conservação; cuidados na colheita.

Prunóideas (pessegueiro/cerejeira/outras) – pessegueiros – anársia (*Anarsia lineatella*); mosca-do-Mediterrâneo (*Ceratitis capitata*).

Vinha – míldio; oídio (*Erysiphe necator*); podridão-cinzenta; traça-da-uva (*Lobesia botrana*); doenças do lenho (esca, eutipiose, botriosferiose, escoriose europeia); cicadelídeos ou cigarrinha-verde; medidas ou práticas culturais; prevenir escaldão nos frutos através de adoção de práticas que reduzam a exposição dos cachos ao sol.

Altas temperaturas – escaldão – recomendações de atuação.

3 – Prados, pastagens e culturas forrageiras: estado vegetativo das pastagens de sequeiro, prados de regadio e forragens anuais; condições de alimentação das diferentes espécies pecuárias, importância do contributo de forragem verde, fenos, silagens e rações industriais relativamente a igual período do ano anterior.

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, a ausência de pluviosidade registada, associada a temperaturas médias altas e/ou amenas, influenciaram o estado das pastagens de sequeiro, assim como dos prados e pastagens permanentes espontâneas onde já se sente algum stress hídrico em parcelas arenosas ou em cotas mais altas. A colheita do milho forrageiro de sequeiro já está a decorrer e só no próximo mês terá início a colheita da forragem de milho de regadio. A alimentação animal na sua generalidade não sofreu alterações, pelo que se mantém dentro do habitual, com utilização dos fenos e das silagens, aliada às necessárias rações industriais, que por sua vez são complementadas e enriquecidas com os suplementos vitamínicos.

No Baixo Mondego, os prados e pastagens beneficiaram com as condições meteorológicas e apresentam um bom desenvolvimento vegetativo. Tem decorrido com normalidade o pastoreio direto. As colheitas das forragens anuais estão concluídas e já fenadas. A alimentação do efetivo pecuário é maioritariamente proveniente das culturas forrageiras em verde ou fenadas, palha, silagem e algum arração. O abeberamento dos animais permanece sem limitações.

No Pinhal Litoral, durante o mês de agosto, as pastagens de sequeiro apresentaram fraco desenvolvimento devido às temperaturas muito elevadas registadas na primeira metade do mês, que aceleraram a secagem do coberto vegetal e limitaram a disponibilidade de forragem verde. Em contraste, os prados de regadio mantiveram um estado vegetativo mais favorável, sustentado pela rega e pela melhoria da humidade relativa a partir de meados de agosto, permitindo uma produção estável para apoio às explorações de bovinos. Nas culturas forrageiras anuais, o milho para silagem destacou-se pela boa produção. Em várias zonas da região iniciou-se já o corte, confirmando o bom desempenho da cultura nesta campanha. Outras forragens anuais mantiveram comportamento regular, dependente da disponibilidade hídrica. As condições de alimentação das espécies pecuárias foram condicionadas pela menor oferta de pastagens de sequeiro, obrigando a um maior recurso a fenos, silagens e rações industriais. Em comparação com o mesmo período do ano anterior, verificou-se maior dependência de alimentos conservados, sobretudo em explorações sem acesso a regadio. A silagem de milho assumiu papel central na dieta dos efetivos, garantindo aporte energético essencial, enquanto os fenos e as rações industriais complementaram o fornecimento proteico e fibra necessária. Em síntese, agosto caracterizou-se por limitações nas pastagens de sequeiro, estabilidade nos prados de regadio e excelente desempenho do milho para silagem, que já iniciou o corte em alguns locais, assegurando condições de alimentação animal globalmente equilibradas.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, os cortes para feno e ensilagem (menos comum na zona) já foram realizados. O pastoreio extensivo já só estava em curso em terrenos onde não fora cortada a erva ou em zonas que iam tendo alguma humidade noturna que permitia a produção (residual) de matéria verde. Contudo, a chuva do fim do mês, associada a temperaturas amenas, poderá refletir-se num acréscimo de produção de matéria verde em setembro.

No Alto Mondego e na Beira Serra, apesar das temperaturas registadas terem descido este mês relativamente ao anterior, os pastos dos lameiros já um pouco fenecidos ainda permitem algum pastoreio, e nos restantes, já não há nada que se coma. As forrageiras já colhidas e armazenadas, apresentaram boa produtividade. Houve aumento de consumo de alimentos concentrados e conservados, relativamente ao mês anterior, mas dentro dos valores normais para a época.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, o estado vegetativo das pastagens de sequeiro e dos prados de regadio foi condicionado pelas elevadas temperaturas e pela reduzida disponibilidade hídrica registadas, sobretudo durante as primeiras semanas do mês. Nas áreas de sequeiro, a ausência de precipitação e o aumento da evapotranspiração contribuíram para uma redução da disponibilidade e qualidade da forragem verde, com diminuição do crescimento vegetativo. Nos prados de regadio, a manutenção do potencial produtivo esteve dependente da disponibilidade de água e da regularidade da rega. As culturas forrageiras anuais apresentaram igualmente sinais de stress hídrico nas situações em que a disponibilidade de água foi insuficiente, refletindo-se numa menor produção de biomassa. Os prados de regadio e a forragem disponível assumiram particular importância na alimentação animal, sobretudo nas explorações com maior disponibilidade de água, contudo, a produção de forragem não se revelou suficiente para suprir integralmente as necessidades alimentares dos efetivos. Relativamente à alimentação do efetivo pecuário, a reduzida disponibilidade de forragem verde proveniente das pastagens de sequeiro determinou uma maior necessidade de recurso a alimentos conservados, nomeadamente fenos e silagens, complementados, quando necessário, por rações industriais. Comparativamente com o mesmo período de 2025, observou-se uma menor disponibilidade de forragem verde e uma maior necessidade de recurso a alimentos conservados e suplementação alimentar.

No Pinhal Sul, os prados e pastagens continuam secos. No entanto, nas zonas mais frescas, já se começa a notar algum verde (figuras 3 e 4). Os animais continuam a ser suplementados com feno e rações, como é habitual nesta época do ano.



Fig. 3 - Bovinos em pastoreio.



Fig. 4 - Ovinos em pastoreio.

Nas **zonas do interior**, quer em Riba Côa quer em Cimo Côa, estas culturas no geral, apresentam um razoável estado vegetativo, verificando-se em algumas zonas algum stress hídrico pela falta de chuva. Para já, não há necessidade de recorrer a forragens armazenadas e a suplementos alimentares. Os suplementos são especialmente utilizados na criação do efetivo de engorda.

Nas zonas homogêneas da Cova da Beira e da Serra da Estrela, as temperaturas elevadas registadas nas primeiras 3 semanas do mês, assim como a ausência de precipitação, vieram aumentar o stress hídrico das espécies pratenses e forrageiras de sequeiro. A precipitação ocorrida nos últimos dias pode vir induzir a germinação das espécies pratenses de sequeiro que se tornarão inviáveis se o tempo vier novamente quente e seco, como se prevê. As culturas forrageiras de sequeiro, principalmente sorgo e milharadas, foram beneficiadas com a precipitação ocorrida nos últimos dias do mês. As pratenses e as forrageiras de regadio, apresentaram melhores acréscimos de matéria verde uma vez que beneficiaram da temperatura mais elevada e da humidade necessária ao seu bom desenvolvimento (figura 5).

Na Campina e Campo Albicastrense, os efetivos pecuários pastoreiam as pastagens de sequeiro (figura 6), cuja disponibilidade se encontra em fase de esgotamento, na sequência das quebras de produção registadas no outono/inverno. De um modo geral, a produção das pastagens e culturas forrageiras de primavera/verão é semelhante à registada no ano anterior, pelo que a disponibilidade de alimento verde se mantém igualmente em níveis semelhantes, incluindo, para além das pastagens de regadio (figura 8), as milharadas e o sorgo.



Fig. 5 - Cultura de sorgo de regadio, Celorico da Beira (Serra da Estrela).



Fig. 6 - Pastoreio pastagem sequeiro por ovinos.



Fig. 7 - Pastoreio pastagem regadio por ovinos.

4-f – Cereais praganosos: andamento das colheitas; produção quanto aos aspetos de quantidade, rendimento e qualidade dos produtos.

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, a colheita de cereais praganosos para grão e palha já terminou exceto a do trigo e aveia. Prevê-se uma diminuição nas produções, relativamente à quantidade em relação ao último ano, mas com qualidade idêntica, efeitos ainda da tempestade Kristin.

No Baixo Mondego, estão concluídas as colheitas destas culturas, as quais sofreram uma diminuição na produção resultante das condições adversas registadas aquando da instalação da cultura e ao longo do seu desenvolvimento inicial, sujeito a chuvas intensas e constantes.

No Pinhal Litoral, a campanha dos cereais praganosos encontrava-se praticamente concluída no mês de agosto, com a ceifa realizada de forma regular graças ao período quente e seco que predominou na primeira metade do mês. As condições meteorológicas permitiram uma boa secagem natural das plantas e facilitaram o avanço das operações, sem constrangimentos relevantes. A precipitação registada na segunda metade de agosto já não teve impacto significativo, uma vez que a maioria das parcelas se encontrava colhida. A produção dos cereais praganosos apresentou quebras expressivas face ao ano anterior, refletindo dificuldades acumuladas ao longo do ciclo produtivo. O trigo registou reduções importantes devido à instalação irregular das searas e ao fraco desenvolvimento inicial. O centeio e a aveia evidenciaram igualmente diminuições acentuadas, associadas ao excesso de humidade no inverno e à menor população de plantas. A cevada foi a cultura mais afetada, com produções muito baixas ou inexistentes em várias zonas. Os rendimentos ficaram abaixo do potencial, condicionados pelo menor número de espigas, pelo enchimento irregular do grão e pela dificuldade em realizar adubações e tratamentos fitossanitários nos momentos mais adequados. A qualidade do produto foi variável, com peso específico inferior ao desejável em muitas parcelas e grão de menor calibre, refletindo o impacto das condições climáticas adversas durante o ciclo. Em síntese, agosto marcou o encerramento de uma campanha difícil para os cereais praganosos, com colheitas concluídas sem problemas operacionais, mas com produções, rendimentos e qualidade significativamente inferiores aos do período homólogo do ano anterior.

Nas **zonas de transição**, tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, as culturas cerealíferas de sementeira outono-inverno estão já colhidas, confirmando-se a previsão de uma diminuição da produtividade.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, estas culturas, encontram-se maioritariamente, nas fases de maturação completa ou em fase final/colheita, realizadas em condições favoráveis. De uma forma geral, as condições meteorológicas verificadas ao longo do ciclo cultural, particularmente o défice hídrico e as temperaturas elevadas durante a fase de enchimento e maturação do grão, condicionaram o potencial produtivo das culturas. Em termos de quantidade produzida e, ao contrário do que no mês anterior foi expectado, verificou-se quebras nas situações mais afetadas pelo stress hídrico. A reduzida disponibilidade de água durante as fases do desenvolvimento limitou o enchimento do grão e, consequentemente, o rendimento final. Quanto à qualidade, e dado o tempo seco durante a maturação e a colheita, os grãos apresentaram baixo teor de humidade, com alteração de peso, calibre e uniformidade de grão, sobretudo nas parcelas onde o défice hídrico foi mais acentuado. Assim, a produção obtida deverá ser considerada inferior, pelo que comparativamente ao ano anterior, verifica-se uma ligeira diminuição de produção.

No Pinhal Sul, a colheita dos cereais praganosos já foi realizada, tendo-se registado uma produção inferior à do ano anterior. As chuvas atrasaram as sementeiras e, posteriormente, as altas temperaturas registadas durante a fase de maturação do grão comprometeram a produção.

Nas **zonas do interior**, quer em Riba Côa quer em Cimo Côa, praticamente estão terminadas as colheitas destas culturas, e, estima-se que a produção das mesmas em termos de quantidade e qualidade seja idêntica ao ano anterior.

Tanto na Cova da Beira como na Serra da Estrela, estas culturas estão colhidas. De um modo geral, apresentaram um menor desenvolvimento e consequentemente palhas curtas e deficiente "granação" (baixo número de sementes por espiga e/ou espigas curtas) ou até morreram devido ao encharcamento, durante o inverno. Relativamente ao ano anterior, na Cova da Beira, estimam-se quebras de produtividade da ordem dos 15%, e na Serra da Estrela um aumento de 10%.

Na Campina e Campo Albicastrense, confirmam-se as quebras de produção mencionadas no relatório anterior, decorrentes das adversidades climáticas. Relativamente aos danos causados por fauna selvagem para além dos ataques de javalis, já referidos em relatórios anteriores, são também identificados ataques de corços.

5-g – Culturas arbóreas e arbustivas, nomeadamente vinhas, pomares, de pomóideas, prunóideas, citrinos, kiwis, frutos secos e olivais: estado vegetativo, produção quanto aos aspetos de qualidade e quantidade.

• Pomares de Castanheiros e outros frutos secos

Nas **zonas do litoral**, no Pinhal Litoral, os frutos secos mantiveram produções regulares, sem incidência relevante de doenças.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, a cultura do castanheiro encontra-se no estado fenológico de inchamento/engrossamento do ouriço. A quantidade de ouriços continua na linha de outros anos de boas produções. O stress hídrico a que a cultura já estava sujeita nalgumas zonas, foi ultrapassado devido à precipitação ocorrida no final do mês, fundamental para o bom desenvolvimento do fruto. Os fatores bióticos, nomeadamente a podridão-castanha, a septoriose ou a lagarta-da-castanha, têm condicionado a produtividade nos últimos anos., pelo que apesar do bom aspeto visual dos soutos e da ocorrência de precipitação é ainda cedo para antecipar uma campanha de sucesso.

Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, os castanheiros encontram-se no estado fenológico -ouriços em crescimento e queda dos não fecundados. As amendoeiras encontram-se colhidas, sendo notório um maior número de frutos por árvore, relativamente ao ano passado. Algumas árvores estão a morrer, provavelmente devido a um vírus transmitido pela picada de um inseto.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, as condições meteorológicas, nomeadamente temperaturas altas e ausência de precipitação, poderão ter condicionado o desenvolvimento e enchimento dos frutos secos, sobretudo nas áreas de sequeiro. A disponibilidade de água durante o período de desenvolvimento do fruto constitui um fator determinante para o calibre e para a qualidade final da produção. Ainda não é possível estimar a produção.

No Pinhal Sul, os castanheiros apresentam uma grande quantidade de ouriços, o que poderá indiciar uma boa produção.

Nas **zonas do interior**, os pomares de aveleiras que já vão tendo expressão na Cova da Beira, apresentam bom desenvolvimento e produção normal, proporcional à sua idade. Os pomares de amêndoa existentes principalmente na Cova da Beira, apresentam um bom aspeto vegetativo e bom desenvolvimento do fruto. A colheita vai iniciar-se a na 1ª semana de setembro e estima-se uma produtividade média acima da do ano anterior em cerca de 40-50%.

Na Campina e Campo Albicastrense, está a decorrer a colheita da amêndoa, registando-se igualmente um aumento de produtividade face ao ano anterior.



Fig. 8 – Amêndoa pronta para a colheita.

- **Pomares de Citrinos**

Nas **zonas do litoral**, no Pinhal Litoral, o estado vegetativo é equilibrado e a produção prevista semelhante à do ano anterior.

Nas **zonas de transição**, tanto no Alto Dão-Lafões como no Baixo Dão-Lafões, os citrinos têm pouca expressão na produção agrícola, contudo, nos pomares existentes, a disponibilidade hídrica assumiu particular importância para o crescimento e enchimento dos frutos. Até julho os frutos apresentavam um desenvolvimento vegetativo e vingamento normal, contudo, devido às condições meteorológicas, nas parcelas sujeitas a maior défice hídrico, a reduzida disponibilidade de água poderá ter condicionado o desenvolvimento e o calibre. Prevê-se uma produção semelhante à do ano anterior.

No Pinhal Sul, a produção de laranja deverá ser semelhante à do ano passado.

- **Pomares de Kiwis e Abacate**

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Mondego, os kiwis, no geral, apresentam bom calibre e quantidade, prevendo-se uma boa produção.

No Pinhal Litoral, o comportamento é idêntico ao do ano anterior, com bom vigor vegetativo e frutos de calibre normal.

Nas **zonas de transição**, tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, os kiwis encontram-se no estado fenológico M - frutos em crescimento. Na Beira Serra, comparativamente com o ano anterior o nº de frutos é superior antecipando-se o aumento de produção.

Nas **zonas do interior**, relativamente à cultura do kiwi, existem já na Cova da Beira novas plantações que ainda representam uma área restrita desta cultura, as quais entrarão em produção este ano.

- **Pomares de Pequenos Frutos (mirtilo, ...)**

Nas **zonas do interior**, quer na Cova da Beira quer na Serra da Estrela, os mirtilos cuja colheita já terminou, com produtividades superiores em cerca de 40%, relativamente ao ano anterior, com bons calibres, em ambas as zonas homogéneas.

- **Pomares de Pomóideas**

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, as pomóideas encontram-se com um desenvolvimento vegetativo dentro do normal. As temperaturas de Verão têm-se mostrado benéficas ao desenvolvimento vegetativo das pereiras e macieiras, estimando-se um aumento na sua produção mantendo-se a qualidade.

No Pinhal Litoral, nas pomóideas, tanto a pera como a maçã continuam em colheita. A pera apresenta boa produção, com calibre normal, embora tenha amadurecido repentinamente, antecipando a campanha. Mantêm-se registos de estenfiliose e fogo-bacteriano em algumas parcelas. A maçã mantém produção regular, sem aumento face ao ano anterior, com as variedades tardias mais expostas ao risco de pedrado e doenças de conservação devido aos teores de humidade elevados ocorridos do final do mês.

Nas **zonas de transição**, tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, as macieiras encontram-se no estado fenológico I - fruto em início de maturação, sendo notório o menor número de frutos por árvores relativamente ao ano passado, no entanto, o calibre é visivelmente superior. A variedade *gala* iniciou já a colheita. As pereiras encontram-se no estado fenológico I - fruto em início de maturação, sendo notório o maior número de frutos por árvore, relativamente ao ano passado. Os marmeleiros encontram-se no estado fenológico J - fruto em desenvolvimento, o número de frutos por árvore é semelhante ao do ano passado.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, nos pomares de macieiras, as condições meteorológicas de temperatura elevada promoveram o avanço da maturação dos frutos condicionando o seu desenvolvimento e calibre, embora a qualidade se mantenha globalmente satisfatória. No caso da maçã, prevê-se uma produção superior à registada em 2025, apresentando os frutos, de um modo geral, boa qualidade. A campanha já teve início, com a colheita da variedade “Gala” e quanto à produção, prevê-se que seja idêntica à do ano anterior.

No Pinhal Sul, a colheita de pomóideas já começou, com uma produção superior à do ano anterior.



Fig. 9 - Pomar de macieiras.

Em relação à qualidade, no caso das maçãs é boa (figura 10), embora as peras apresentem alguma incidência de pedrado (figura 11).



Fig. 10 - Maçã pronta a colher.



Fig. 11 - Pera com pedrado.

Nas **zonas do interior**, tanto em Riba Côa como em Cimo Côa, estas culturas apresentam um estado vegetativo razoável, prevendo-se que seja um bom ano.

Quer na Cova da Beira quer na Serra da Estrela, nas pereiras, prevê-se uma produtividade normal da variedade *Rocha*, em ambas as zonas homogêneas e uma quebra de cerca de 25% nas variedades *Abate Fetel* e *Comice*. na Cova da Beira, porém, estima-se uma quebra média de 10%. Nas macieiras, também se aguarda um ano com produtividades normais para as regiões e espécie. Verificaram-se casos de escaldão, nalguns pomares de macieiras e pereiras.

• Pomares de Prunóideas

Nas **zonas do litoral**, no Pinhal Litoral, as prunóideas mantiveram produções regulares, sem incidência relevante de doenças.

Nas **zonas de transição**, tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, os pessegueiros encontram-se colhidos, sendo notório um menor número de frutos por árvore, relativamente ao ano passado no Alto Mondego e o contrário na Beira Serra. As ameixeiras encontram-se colhidas e foi notório um menor número de frutos por árvore, relativamente ao ano passado. Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, nos pomares de pessegueiros, as condições meteorológicas de temperatura elevada promoveram o avanço da maturação dos frutos condicionando o seu desenvolvimento e calibre, embora a qualidade se mantenha globalmente satisfatória.

Em relação ao pêsego, as fases de floração e vingamento, foram condicionadas pelas temperaturas e precipitação. Posteriormente, as temperaturas elevadas e falta de precipitação aumentaram o stress hídrico (embora nos pomares com rega suficiente esse impacto tenha sido menor) reduzindo o crescimento e calibre dos frutos, que globalmente apresentam boa qualidade.

Nas **zonas do interior**, quer na Cova da Beira quer na Serra da Estrela, os pessegueiros, nectarinas (figura 12) e ameixeiras, encontram-se na fase de colheita em ambas as zonas homogêneas. Estima-se um incremento na produtividade de cerca de 150% nas nectarinas, de cerca de 50% nos pêsegos e de cerca de 35% nas ameixas. O mesmo aconteceu com os alperces, com um aumento efetivo da produtividade de cerca de 150%, em referência ao ano anterior, na Cova da Beira, onde a cultura é expressiva.



Fig. 12 – Pomar de Nectarinas, Vela (Serra da Estrela).

Na Campina e campo Albicastrense, regista-se um aumento de produtividade relativamente ao ano anterior nos pêssegos e nas nectarinas. Atualmente, encontram-se em colheita as variedades tardias destas prunóideas, estimando-se que a campanha de colheita se prolongue por mais 2 a 3 semanas.

• Olival

Nas **zonas do litoral**, no Pinhal Litoral, o olival foi a cultura mais afetada pelas condições meteorológicas de agosto. As humidades elevadas, a descida térmica e os episódios de precipitação no final do mês criaram um ambiente altamente favorável ao desenvolvimento de uma nova geração de mosca-da-azeitona. Esta pressão da praga provocou estragos severos em variedades e parcelas mais vulneráveis, com perdas quase totais em quantidade e qualidade. Antecipam-se reduções expressivas na quantidade de azeitona e na qualidade dos azeites das variedades de maturação precoce, as mais afetadas. Ao contrário dos últimos anos, estas variedades atingiram a maturação fisiológica no final de agosto, devido ao seu peso reduzido na região e ao facto de os lagares ainda não terem iniciado a laboração, parte da produção ficará por colher e a restante dificilmente permitirá a obtenção de azeites de qualidade elevada.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, o fruto já se encontra na fase final de crescimento, nomeadamente no período de endurecimento do caroço. O período de precipitação registado no fim do presente mês será benéfico para a próxima etapa de amadurecimento do fruto e para os olivais tradicionais, não obstante as consequências fitossanitárias, de que se destaca a disseminação da gafa. A quantidade e calibre da azeitona, apesar de ser um ano de contra-safra, geram algum otimismo em matéria de produção.

Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, os olivais encontram-se no estado fenológico I - início da lipogénese. Como se previu, dadas as condições climáticas favoráveis a um bom vingamento do fruto, verifica-se um aumento de frutos por árvore, o que trará inevitavelmente um aumento de produtividade nos olivais tratados. Na região do Alto Mondego, além de uma área significativa ardida em 2025 no concelho de Seia, observam-se muitas oliveiras sem poda ou tratamentos fitossanitários, nos concelhos de Fornos e de Gouveia, o que independentemente da frutificação, trará a esta região homogénea um decréscimo de produtividade.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, os olivais encontravam-se em fase de desenvolvimento e crescimento do fruto, com acumulação progressiva de matéria oleosa e aproximação da fase de maturação. As temperaturas elevadas e a redução da disponibilidade hídrica estão a condicionar o desenvolvimento e crescimento, podendo provocar alguma redução do calibre e desidratação dos frutos nas parcelas mais expostas ou sujeitas a maior défice hídrico. A descida das temperaturas e a ocorrência de precipitação na última semana de agosto contribuíram para reduzir o stress hídrico e melhorar as condições de desenvolvimento do fruto, constituindo um fator favorável à continuidade da formação e acumulação de matéria oleosa. Apesar destas condições, perspetiva-se uma produção superior à registada em 2025, embora esse aumento dependa da evolução das condições meteorológicas e da disponibilidade de água até à maturação e colheita. Quanto à qualidade, as perspetivas são globalmente favoráveis, não sendo possível, nesta fase, quantificar a qualidade final da azeitona ou do azeite.

No Pinhal Sul, os olivais (figura 13) apresentam uma produção elevada, perspetivando-se uma boa campanha de azeitona. No entanto, já se verifica alguma presença de azeitona picada.



Fig. 13 – Olival.

Nas **zonas do interior**, tanto em Riba Côa como em Cimo Côa, os olivais apresentam um razoável estado vegetativo, prevendo-se que seja um bom ano.

Quer na Cova da Beira quer na Serra da Estrela, tem-se verificado uma maior queda de frutos devido ao calor excessivo o que poderá vir a afetar a produtividade e a qualidade da azeitona. Por outro lado, e como já referido, a chuva ocorrida nos últimos dias do mês poderá vir a atenuar essa queda e promover o engrossamento da azeitona. No entanto, em olivais não tratados contra a mosca-da-azeitona e nos quais haja ataques, poderá vir a promover o aparecimento de gafa.

Na Campina e Campo Albicastrense, o olival apresenta boas perspectivas de produção estimando-se uma produtividade superior à registada no ano anterior. Para o final do próximo mês, prevê-se o início da colheita de algumas variedades destinadas à produção de azeitona de mesa.

• Vinha

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, as condições climáticas ocorridas no início do verão, com ondas de calor que atingiram temperaturas superiores a 40.ºC, causaram escaldão dos cachos comprometendo a produção em algumas vinhas, principalmente nas vinhas instaladas em encostas orientadas de nascente-poente. Noutras, as uvas encontram-se em processo de rápida maturação tendo-se já iniciado as vindimas em vinhas com castas mais adiantadas e brancas, que apresentam maior teor de álcool provável, perspectivando-se alguma quebra na produção, que se poderá estimar em cerca de 10%, mantendo-se, uma qualidade natural satisfatória.

No Baixo Mondego, a vinha encontra-se na fase final do seu desenvolvimento vegetativo. Iniciaram-se as colheitas das uvas de castas brancas. Ainda é precoce apurar as suas produções relativamente ao ano passado.

No Pinhal Litoral, na vinha, o estado vegetativo foi regular e os cachos evoluíram bem. A Adega Cooperativa da Batalha inicia a receção de uva a 11 de setembro, com a uva a apresentar bom grau e tendência de subida. O aumento da humidade no final de agosto elevou o risco de podridão-cinzenta em castas sensíveis. Regista-se também um abandono crescente da vinha nesta zona homogênea, motivado pela falta de rendimento da atividade.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, a campanha está adiantada face a anos anteriores. O ciclo vegetativo iniciou-se cedo e as condições foram as ideais para um rápido desenvolvimento. A vindima arrancará já no início de setembro devido ao adiantamento fenológico anteriormente referido e também de modo a salvaguardar a qualidade sanitária dos cachos, após a precipitação ocorrida no fim do mês. A quantidade e qualidade dos cachos traz otimismo aos viticultores, sendo equiparável ao ano anterior. Nota para as perdas registadas por danos cinegéticos, situação que se vem agravando de ano para ano.

Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, a vinha encontra-se no estado fenológico N – fruto em início de maturação, dadas as condições climáticas verificadas á alimpa ocorreu muito desavinho, e muitas vinhas sofreram escaldão, o que necessariamente trará uma quebra na produtividade.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, observaram-se sintomas pontuais de escaldão e desidratação dos bagos nas parcelas mais expostas, associados a temperaturas elevadas e à redução da disponibilidade hídrica, com possível impacto no calibre dos frutos. Em alguns locais, já teve início a vindima, nomeadamente os Brancos, com uma boa qualidade. Apesar dos constrangimentos causados pelas condições meteorológicas, prevê-se uma produção superior à do ano anterior e uma boa qualidade da uva. A descida das temperaturas e a ocorrência de precipitação na última semana contribuíram para reduzir o stress térmico e melhorar o estado hídrico das videiras, favorecendo a continuidade da maturação.

No Pinhal Sul, as vinhas encontram-se na fase de maturação (figura 14). Alguns produtores já começaram as vindimas. As uvas parecem apresentar boa qualidade, embora as produções possam ser algo heterogéneas, com volumes superiores nuns locais em comparação com outros. A produção de uva de mesa voltou a diminuir em relação ao ano anterior, prolongando um cenário de baixas produções.



Fig. 14 - Uvas em maturação.

Nas **zonas do interior**, tanto em Riba Côa como em Cimo Côa, as vinhas apresentam de momento um razoável estado vegetativo.

Quer na Cova da Beira quer na Serra da Estrela, já começaram as vindimas em ambas as zonas homogéneas. Mantêm-se as estimativas de produtividade para ambas as regiões: na Serra da Estrela, uma redução de produtividade de cerca de 10% e na Cova da Beira, um acréscimo de cerca de 20%. Verificaram-se casos de escaldão, mais acentuados em algumas vinhas.

Na Campina e Campo Albicastrense, esperam-se aumentos de produtividade na vinha da ordem dos 15%. As vindimas estão a decorrer: certas castas já foram colhidas, enquanto outras ainda não atingiram o ponto ótimo de maturação para serem vindimadas.

6-d – Sementeira vegetativo das culturas arvenses de sequeiro e regadio, nomeadamente: milho, arroz, grão-de-bico, feijão, tomate (para indústria) e girassol; disponibilidade de água para rega.

• Arroz

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Mondego, esta cultura encontra-se muito atacada pela periculária, nomeadamente nas variedades de arroz mais sensíveis a condições meteorológicas, com temperaturas entre os 25.ºC e os 27.ºC e humidade relativa elevada devido aos orvalhos e chuvas registadas, que criaram as condições ótimas para o desenvolvimento deste fungo. Os agricultores que fizeram os tratamentos fitossanitários, atempadamente, conseguiram proteger a cultura em relação à periculária, os restantes têm as culturas bastante afetadas com este fungo. As temperaturas elevadas que se verificaram ao longo do mês e que coincidiram com a fase de enchimento do grão vão originar maior presença de trinca. Existem searas em que se verificou alguma acama, nomeadamente de variedades mais suscetíveis, como o *Ariete* e *Caravela*. Estas variedades caracterizam-se por formar palha alta, em que mediante condições de ventos fortes, alguma pluviosidade, presença de milhã e fertilizações azotadas mais frequentes ocorre a acama do arroz. De qualquer forma, não há ainda a perceção de que estas condicionantes possam afetar a produção. A maioria das searas encontra-se no estado fenológico espigamento. Prevê-se que as colheitas se iniciem no início do mês de setembro.

No Baixo Vouga, a cultura do arroz encontra-se na fase de espigamento com bom desenvolvimento, contudo os produtores da zona do Baixo Vouga e Cértima queixam-se da grande quantidade de infestantes nos arrozais. A área e previsão da produtividade são semelhantes ao do ano anterior.

No Pinhal Litoral, o arroz manteve um desenvolvimento regular, com povoamentos uniformes e boa evolução das fases vegetativas.

• Feijão, grão-de-bico, outras

Nas **zonas do litoral**, no Pinhal Litoral, o grão-de-bico e o feijão revelaram desenvolvimento limitado, condicionado pela falta de humidade no solo durante grande parte do ciclo. De forma geral, as culturas de sequeiro não atingiram o potencial produtivo esperado, refletindo a dependência direta das condições climáticas e a irregularidade da precipitação.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, referência ao chicharo, cultura de sequeiro que se vai mantendo na zona. Tirando alguns terrenos onde não se tem promovido rotatividade (originando problemas fitossanitários), nos restantes terrenos, a cultura teve uma campanha favorável. Já foi concluída a colheita manual e a produção foi significativamente superior ao ano anterior.

Quer no Alto Mondego quer na Beira Serra, o feijão em fase de colheita, confirma a previsão de uma baixa de produtividade, no primeiro caso e produtividade idêntica ao ano anterior no segundo caso (Beira Serra).

Tanto no Alto Dão-Lafões como no Baixo Dão-Lafões, o estado vegetativo das culturas arvenses foi condicionado pelas temperaturas elevadas e pela reduzida disponibilidade hídrica, sobretudo durante a primeira parte do mês. Nas culturas de sequeiro, estas condições provocaram maior stress hídrico e condicionaram o desenvolvimento vegetativo. As culturas, encontravam-se predominantemente em fases

de desenvolvimento reprodutivo, enchimento e maturação, embora com diferenças de acordo com a cultura e a data de sementeira. O feijão e o grão-de-bico apresentam reduzida representatividade nestas zonas. O grão-de-bico encontra-se em fase de formação e maturação das vagens, enquanto o feijão encontra-se predominantemente em fase de enchimento das vagens e início da maturação, com o desenvolvimento das culturas condicionado pela disponibilidade hídrica. Considerando as condições meteorológicas verificadas durante parte do ciclo, nomeadamente as temperaturas elevadas e a reduzida disponibilidade de água, perspectiva-se uma produção de feijão semelhante ou ligeiramente inferior à do ano anterior. No grão-de-bico prevê-se uma redução da produção, sobretudo nas áreas de sequeiro.

Nas **zonas do interior**, quer em Riba Côa quer em Cimo Côa, estas culturas apresentam um razoável estado vegetativo. Com mais dificuldade estão as de sequeiro, dado que não chove. As de regadio não têm problemas para já.

Tanto na Serra da Estrela como na Cova da Beira, a cultura do feijão que praticamente se traduz no feijão frade, apresenta bons desenvolvimentos e densidades razoáveis, deixando antever também boas produtividades. A pluviosidade ocorrida na última semana, veio beneficiar grandemente quer as culturas forrageiras de sequeiro, quer a cultura de feijão frade, contribuindo para o enchimento do grão nas culturas com ciclo mais atrasado (figura 15).



Fig. 15 – Campo de feijão-frade, Vale Formoso (Cova da Beira).



Fig. 16 – Feijão-frade em floração.

Na Campina e Campo Albicastrense, no feijão-frade, observam-se, maioritariamente culturas em floração e outras com vagens a entrar na fase de maturação. O feijão apresenta boas perspetivas de produção, estimando-se um nível semelhante ao registado no ano anterior.

• Milho

Nas **zonas do litoral**, na zona homogénea do Baixo Vouga, a colheita do milho grão já teve início, começando por variedades de ciclo curto. A área é semelhante à do ano passado, todavia, preveem-se resultados inferiores na produtividade, devido à pouca disponibilidade de água no solo. Foi necessário recorrer a regas mais recorrentes, aumentando significativamente os custos de produção e a pressão sobre os recursos hídricos.

No Baixo Mondego, já decorreram as colheitas de milho de variedades de ciclo curto. O milho encontra-se entre o estado fenológico grão leitoso e maturação fisiológica, apresentando-se maioritariamente de pequeno porte, mas com grande quantidade de espiga. Estimam-se produções idênticas em relação ao ano passado. Os milhos mais adiantados já não necessitaram de rega devido ao seu desenvolvimento vegetativo e às condições meteorológicas registadas. A colheita do milho grão de ciclo longo deverá iniciar-se a partir de meados de setembro.

No Pinhal Litoral, o milho de regadio apresentou um estado vegetativo muito bom, com plantas vigorosas e espigas bem formadas. Em várias zonas iniciou-se já o corte para silagem, confirmando-se uma produção elevada. Apesar do bom desempenho das culturas de regadio, verificaram-se estragos muito significativos provocados por javalis. Em várias explorações, os danos foram extensos, afetando tanto a quantidade como a qualidade da produção e comprometendo de forma séria o rendimento das parcelas mais vulneráveis.

Nas **zonas de transição**, quer no Alto Mondego quer na Beira Serra, o milho encontra-se no grão pastoso, com espigas bem preenchidas.

Tanto no Alto Dão-Lafões como no Baixo Dão-Lafões, o estado vegetativo das culturas arvenses foi condicionado pelas temperaturas elevadas e pela reduzida disponibilidade hídrica, sobretudo durante a primeira parte do mês. Nas culturas de sequeiro, estas condições provocaram maior stress hídrico e condicionaram o desenvolvimento vegetativo. As culturas encontravam-se predominantemente em fases de desenvolvimento reprodutivo, enchimento e maturação, embora com diferenças de acordo com a cultura e a data de sementeira. A sementeira do milho de regadio atrasou devido à saturação de água nos solos. As condições climáticas ocorridas provocaram um atraso na sementeira, com os solos encharcados, que posteriormente, com o calor causou um défice no nascimento. O milho encontrava-se essencialmente em fase de enchimento do grão e aproximação da maturação fisiológica, constituindo a disponibilidade de água um fator determinante para a definição do rendimento. Prevê-se uma produção idêntica ou ligeiramente inferior ao ano anterior, contudo a produtividade final dependerá da disponibilidade de água para rega e das temperaturas que possam ocorrer. À semelhança de todos os anos, há ainda a registar o ataque persistente de javalis.

No Pinhal Sul, o milho para grão apresenta um desenvolvimento normal, encontrando-se atualmente na fase de maturação do grão (figura 17).



Fig. 17 – Milho grão.

Nas **zonas do interior**, quer em Riba Côa quer em Cimo Côa, estas culturas apresentam um razoável estado vegetativo. Com mais dificuldade estão as de sequeiro, em resultado da ausência de precipitação. As de regadio não têm problemas para já.

Tanto na Serra da Estrela como na Cova da Beira, de uma forma geral, as culturas forrageiras, assim como o milho híbrido para grão de regadio, apresentam bom desenvolvimento. As variedades de ciclo curto, nomeadamente os milhos miúdos de grão redondo já têm a maçaroca totalmente fechada e a amadurecer. As culturas forrageiras de sequeiro, nas quais se incluem as tradicionais milharadas de sequeiro, estiveram dependentes de uma boa preparação do solo por forma a manter a humidade essencial a uma boa germinação e às temperaturas registadas que em bom rigor e principalmente na Cova da Beira, foram excessivamente elevadas para permitir um bom desenvolvimento das culturas ao longo das 3 primeiras semanas do mês.

Na Campina e Campo Albicastrense, o milho apresenta um estado vegetativo normal, prevendo-se igualmente uma produtividade dentro dos valores normais. No milho híbrido de regadio, regista-se uma diminuição de 60% da área cultivada, em virtude da reduzida competitividade da cultura.

- **Girassol**

Nas **zonas do litoral**, no Pinhal Litoral, o girassol, apresentou capítulos bem formados e produção estimada dentro da normalidade.

Nas **zonas de transição**, quer no Alto Mondego quer na Beira Serra, o girassol, já com as sementes vingadas, e previsivelmente terá uma produtividade semelhante á do ano passado no Alto Mondego e superior na Beira Serra.

- **Tomate para indústria**

Nas **zonas do litoral**, e na única zona homogénea produtora – Pinhal Litoral, o tomate para indústria evoluiu de forma favorável, com plantas bem instaladas e frutos de boa qualidade, sustentados pela rega regular.

- **Disponibilidade de água**

De um modo geral, nas três zonas (litoral, transição e interior) ainda não se verificou falta de água para rega e abeberamento dos animais, apesar dos níveis freáticos estarem a diminuir face às elevadas temperaturas verificadas, ausência de precipitação nos últimos meses e pelo aumento da necessidade de rega. A precipitação registada em agosto contribuiu para melhorar a humidade do solo, sem causar prejuízos relevantes.

9-d – Colheita das culturas de batata de sequeiro e regadio: como decorreu; produção quanto aos aspetos de quantidade, rendimento e qualidade dos produtos.

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, mais um ano consecutivo, estamos perante uma campanha da batata nacional de grande prejuízo para os produtores que se veem obrigados a vender o seu produto a preços que não cobrem os custos de produção (cerca de 0,10 €/kg). Foram registados sentimentos de revolta nos produtores, os quais manifestaram o desejo de que o governo português tome iniciativas de fiscalização da disparidade entre preços da batata no produtor e o preço final ao consumidor, que chega a atingir os 500% de diferença. Alguma produção ainda se encontra por colher devido à inexistência de clientes e a uma redução nas exportações.

No Baixo Mondego, decorreram, ainda este mês as colheitas de batata de regadio, as produções foram boas em relação ao ano passado. A batata de sequeiro foi colhida em junho, apresentou boa qualidade e quantidade, apesar dos constrangimentos no início da campanha, decorrentes de zonas afetadas pelas cheias.

No Pinhal Litoral, nas parcelas de regadio, a produção foi boa, com plantas bem desenvolvidas e tubérculos de calibre homogêneo, refletindo uma campanha equilibrada e com rendimento satisfatório. A qualidade comercial foi adequada, com boa conservação e ausência de defeitos fisiológicos significativos. Nas parcelas de sequeiro, a produtividade foi naturalmente mais baixa, consequência da menor disponibilidade hídrica ao longo do ciclo e da sensibilidade da cultura às oscilações térmicas. Ainda assim, a produção foi considerada positiva dentro das expectativas para este modo de produção. Em algumas áreas registou-se o aparecimento de traça, que afetou a qualidade dos tubérculos, sobretudo em zonas onde o solo permaneceu quente e seco, favorecendo o desenvolvimento da praga. Estes ataques, embora não generalizados, exigiram maior seletividade na colheita e condicionaram a qualidade de alguns lotes.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, a colheita de batata aproxima-se do fim. O período de plantação acabou por ser mais longo devido à forte precipitação que dificultou a preparação dos terrenos e atrasou o início da campanha. Mesmo após uma campanha exigente, marcada por replantações e vários tratamentos fitossanitários, os produtores registam bons níveis de produtividade. Os calibres foram razoáveis, tendo em conta os picos de calor ocorridos em julho, que condicionaram o desenvolvimento final dos tubérculos.

Nas zonas homogêneas do Alto Mondego e da Beira Serra, a batata de regadio, já colhida, confirmou um maior número de tubérculos por planta e com maior calibre que o ano passado, e contrariamente ao esperado, apesar de aparecerem na colheita batatas já podres, houve um ligeiro aumento de produtividade no caso da Beira Serra.

No Alto Dão-Lafões e no Baixo Dão-Lafões, a área semeada de batata, tanto de sequeiro como de regadio, manteve-se sem alterações significativas face ao ano anterior. A colheita da batata de sequeiro encontra-se concluída, com produtividade semelhante à do ano anterior. A colheita da batata de regadio ainda está a decorrer. Ao início, nomeadamente no passado mês, os produtores previam um aumento no geral, de

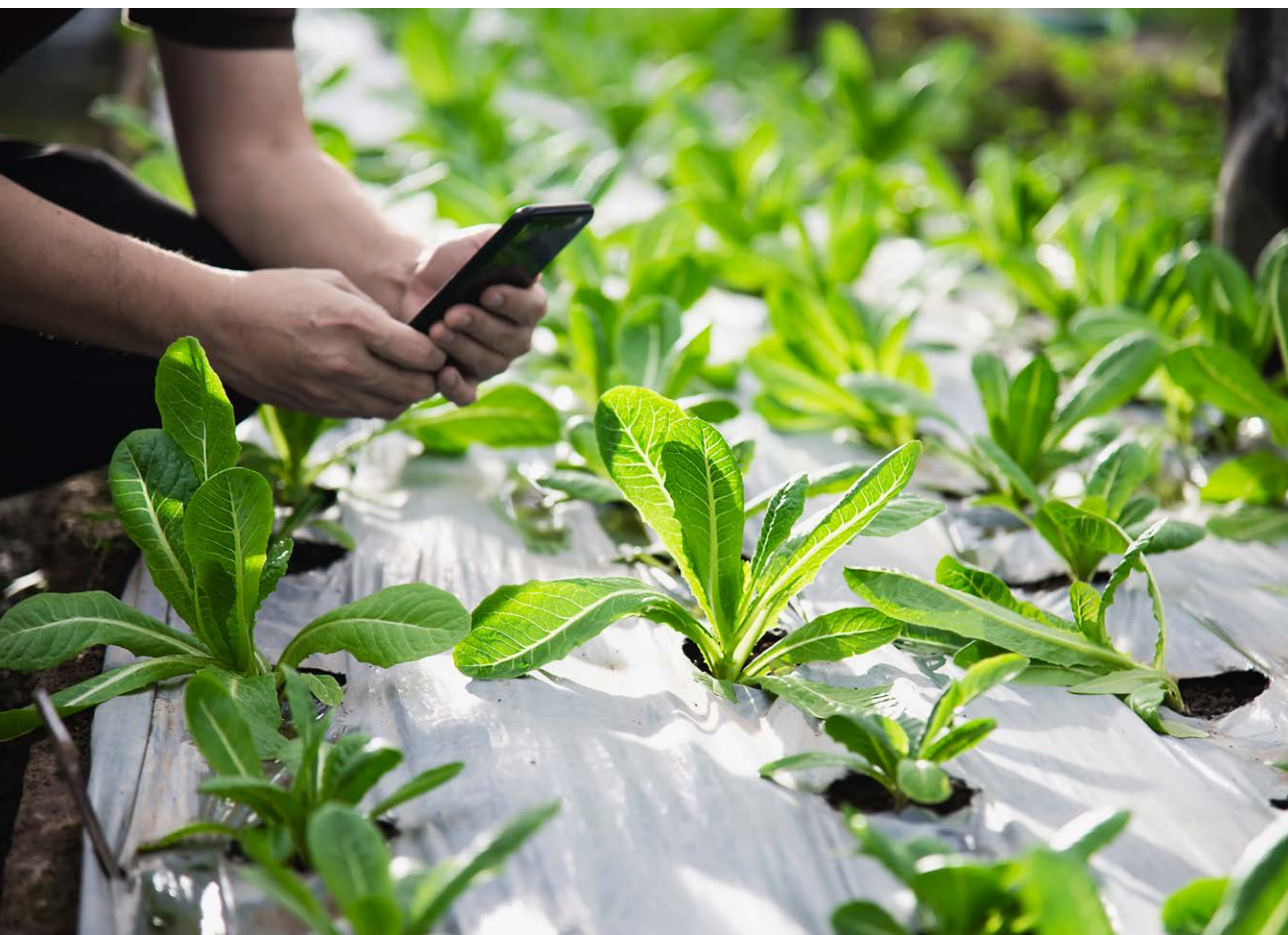
cerca de 10% face ao ano anterior, no entanto, devido às condições meteorológicas, a produção vai ser idêntica ao ano anterior. De um modo geral, a batata, tanto de sequeiro como de regadio, apresenta bom estado vegetativo. Apesar da reduzida disponibilidade de água, a rega vai sendo feita, de forma a assegurar o normal desenvolvimento da cultura.

No Pinhal Sul, a batata de sequeiro teve produção semelhante ao ano anterior e a de regadio teve produção superior ao ano passado. A qualidade registada foi boa.

Nas **zonas do interior**, quer em Riba quer em Cimo Côa, está praticamente terminada a colheita da batata, quer de regadio quer de sequeiro, tendo-se obtido bons resultados em todos os aspetos. Não se prevê alteração da produção/rendimento em relação ao ano anterior.

Nas zonas homogêneas da Cova da Beira e da Serra da Estrela, a batata de sequeiro, representa cada vez menos área, uma vez que, na maioria dos casos, tem que se proceder à rega da cultura devido à ausência de pluviosidade. Nas áreas restritas que a cultura ocupa, foram obtidas produções inferiores em cerca de 20%. Na batata de regadio que para além da sua representatividade nas hortas familiares, tem uma vertente de cultura profissional, com produções ligadas à indústria, e ao consumo, continua a decorrer o seu arranque em ambas as zonas homogêneas, estimando-se produtividades 15% acima dos valores de 2025.

Na Campina e Campo Albicastrense, na batata de sequeiro, a colheita já está concluída. A produção foi superior à do ano anterior. Na batata de regadio já colhida, à semelhança da de sequeiro, verifica-se um aumento de produção e apresenta bons calibres.



ANEXO I

Zonas Homogêneas		Concelho	Local	Precipitação acumulada (mm)	N.º de dias com precipitação	Temperaturas Médias (°C)			
				01 a 31/08	01 a 31/08	Máx.	Min.	Média	
ZONAS DO LITORAL	Baixo Vouga	Agueda	Agueira	21,9	5	28,8	14,5	21,4	***
		Anadia	Arcos	74,4	8	29,1	16,8	22,0	****
	Baixo Mondego		Pedralvites	-	-	-	-	-	
		Cantanhede	Poço Lobo	79,6	8	28,0	15,6	21,0	***
		Soure	Moinho de Almojarife	57,0	9	27,9	16,8	21,7	*, **
		Coimbra	Cooperativa Agrícola de Coimbra	42,2	5	29,9	16,8	22,4	*, **
		Montemor-o-Velho	Cooperativa Agrícola de Montemor-o-Velho	-	-	-	-	-	
		Coimbra	Instituto Politécnico de Coimbra	42,2	6	28,8	16,5	21,8	*, **
	Pinhal Litoral	Batalha	Branças	37,4	7	27,7	16,8	21,8	****
		Leiria	Azóia	39,6	5	27,0	17,3	21,2	***
		Porto de Mós	Casal do Alho	-	-	-	-	-	
			Alcaria	47,4	8	29,7	16,4	21,9	***
		Pombal	Abiul	40,4	9	30,3	16,3	21,9	****
		Leiria	Regueira de Pontes	20,0	5	28,0	16,7	21,7	***
ZONAS DE TRANSIÇÃO	Pinhal	Lousã	Quinta do Conde	39,6	5	34,8	14,5	23,9	
		Miranda do Corvo	Cerdeira	-	-	-	-	-	
		Ansião	Freixo	24,6	7	29,9	15,9	21,5	
	Beira Serra	Nelas	C. E. Vitivinícolas	-	-	-	-	-	
	Alto Dão-Lafões	Viseu	Estação Agrária	58,4	5	30,8	14,4	21,5	***
	Baixo Dão-Lafões	Tondela	Quinta das Tílias	73,0	7	32,3	16,2	22,7	***
	Alto Mondego	Gouveia	Nabais	0,8	1	34,4	14,8	23,5	*****
		Sertã	Cernache	61,6	4	29,8	13,9	21,2	****
	Pinhal Sul	Proença-a-Nova	Chão-do-Galego	19,6	4	32,7	15,8	23,4	****
		Oleiros	Oleiros	33,6	4	29,5	14,6	21,6	****
ZONAS DO INTERIOR	Riba Cõa	Mêda	Longroiva	22,0	5	34,5	15,7	24,8	****
		Pinhel	Pinhel	43,4	4	32,0	12,4	22,2	****
		Trancoso	Trancoso	52,8	5	28,8	14,0	20,6	****
	Serra da Estrela	Celorico da Beira	Carvalheda	24,6	4	30,8	12,5	21,4	
		Guarda	Relvas	22,2	5	31,3	14,0	22,5	****
	Cimo Cõa	Sabugal	Martim Rei	34,0	3	29,8	12,1	20,6	****
		Almeida	Almeida	4,4	3	30,3	14,1	22,1	
	Cova da Beira	Belmonte	Belmonte	34,0	3	32,8	12,0	22,1	****
		Covilhã	Lamaçais	30,8	3	33,1	11,9	22,2	****
		Fundão	Brejo	18,2	3	32,1	14,5	23,3	****
			Alcongosta	41,8	3	30,5	16,5	22,8	
			Fadagosa	15,8	3	33,2	15,4	24,2	****
	Campina e Campo	Idanha-a-Nova	Várzea	19,8	4	34,8	14,2	24,6	****
	Albicastrense	Penamacor	Assoc. B. Cova Beira	5,4	3	32,6	13,1	22,7	****

Fontes: ENMM, A.P. - D.G.A.I.; - D.I.F.M.P.V.

*.ABOFHEM

** de 01/08 a 27/08 *** de 01/08 a 29/08 **** de 01/08 a 30/08 ***** de 01/08 a 22/08

ANEXO II

DISPONIBILIDADE DE ÁGUA NAS ALBUFEIRAS DOS APROVEITAMENTOS HIDROAGRÍCOLAS																
28/08/2026																



WWW.CCDRC.PT

